

Uma nova história da literatura brasileira

DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma história da literatura brasileira contemporânea: a narrativa**. 1ªed. São Paulo: Todavia, 2026. 608p. ISBN: 978-65-5692-911-8.

RESENHA

Sandro Adriano da Silva* 
Wilma dos Santos Coqueiro 

Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Brasil

* Correspondência: profsandrounespar@gmail.com

Regina Dalcastagnè intitula seu livro *Uma história da literatura brasileira contemporânea: a narrativa* com a prudência de quem sabe que toda história literária é, antes de tudo, um gesto de recorte. O artigo indefinido, como ela mesma sublinha, não é casual. Ele já anuncia uma recusa do tom monumental e conclusivo que por tanto tempo sustentou empreendimentos historiográficos voltados à estabilização de cânones, periodizações rígidas e hierarquias tidas como naturais. O que o livro propõe, ao contrário, é uma leitura em movimento da narrativa brasileira contemporânea, entendida não como sucessão linear de obras e autores, mas como campo de tensões em que formas literárias, experiências históricas, disputas sociais e modos de percepção do presente se entrelaçam de maneira incessante.

Desde a introdução, Dalcastagnè expõe com acurácia o problema central que move sua investigação: (re)pensar a literatura brasileira contemporânea implica enfrentar um terreno de incertezas, no qual a própria ideia de *contemporaneidade* se mostra instável. A autora evita a falsa segurança de uma data inaugural absoluta, embora assuma, por razões históricas e críticas, o recorte de obras publicadas a partir de

1970. Não se trata de um marco arbitrário, mas de uma escolha vinculada ao impacto duradouro do golpe civil-militar de 1964, aos processos de urbanização acelerada, às desigualdades persistentes da sociedade brasileira e às transformações formais pelas quais a literatura procurou responder a esse mundo em crise. A contemporaneidade, assim, deixa de ser simples vizinhança temporal com o presente e passa a designar um regime histórico e sensível ainda ativo, cujos impasses continuam a repercutir na experiência social e estética brasileira.

Um dos méritos mais evidentes do livro está precisamente nessa recusa de compartimentar a literatura num espaço autônomo e autorreferente. Dalcastagnè sustenta, com consistência, e reverberando expoentes da crítica literária brasileira, que a literatura é prática social. Tal formulação, que poderia soar genérica em mãos menos rigorosas, ganha aqui densidade metodológica. Ler os romances, contos, crônicas e memórias produzidos nas últimas décadas significa, nessa chave, situá-los no interior de um sistema de relações que envolve mercado editorial, circulação simbólica, posições de fala, desigualdades regionais, estruturas de classe, marcações raciais e de gênero, além das contradições próprias do campo literário. O resultado não é a dissolução da obra em uma leitura sociológica de fácil concessão, mas uma crítica que entende forma e história como dimensões inseparáveis. Dalcastagnè não impõe um aparato teórico uniforme às narrativas; prefere, como afirma, deixar que as obras falem, extraindo delas os suportes analíticos necessários. Há nisso não uma abdicação do juízo crítico, mas uma confiança na potência singular dos textos e na necessidade de ajustar o método aos problemas que cada um apresenta.

Também é notável o modo como a autora articula seu percurso ao longo de quatro grandes eixos, chamados de Percursos. A designação é feliz porque evita a rigidez classificatória dos capítulos temáticos tradicionais e sugere deslocamento, travessia, abertura. Não há aqui quadros fechados, mas zonas de passagem. Questões retornam, obras reaparecem sob outros ângulos, e a matéria literária é revisitada de acordo com novas constelações de sentido. A organização do volume, nesse aspecto, materializa o próprio princípio historiográfico que o sustenta.

No primeiro bloco, *Percursos espaciais*, formado por “A grande travessia”, “As cidades possíveis”, “Atravessando fronteiras” e “O circuito dos livros”, Dalcastagnè acompanha diferentes modos de inscrição do espaço na narrativa brasileira contemporânea. O deslocamento, a urbanização, a circulação entre países e regiões, bem como a própria geografia desigual da produção e da legitimação literária, surgem como problemas centrais. O espaço deixa de ser pano de fundo e se torna operador decisivo da experiência. O Brasil aparece como território fraturado, atravessado por

migrações, exclusões e centros de poder que condicionam tanto a matéria narrada quanto as possibilidades de publicação, difusão e reconhecimento. Ao incluir um capítulo dedicado ao circuito dos livros, a autora dá um passo particularmente importante, pois evidencia que a história da literatura não pode ignorar as mediações concretas que tornam possível, ou dificultam, a existência pública das obras. A literatura, desse modo, é lida também a partir de sua infraestrutura.

Em Percursos políticos, reunindo “Reencontros com a História”, “Em tempos de ditadura”, “Itinerários do conto” e “Impasses da representação”, o livro se volta para o modo como a narrativa brasileira reencena, interroga e desestabiliza a história nacional. A relação entre ficção e História, aqui, não é a de um espelho ou de uma ilustração. Dalcastagnè mostra que os escritores ampliam o campo do narrável ao recolocar em cena sujeitos historicamente relegados, como indígenas, negros, mulheres e derrotados em geral. No capítulo dedicado à ditadura, o foco recai sobre as formas pelas quais a repressão, a censura e o trauma político exigiram invenções formais, redefinindo os modos de narrar. Já o capítulo sobre a confissão, a autora recoloca esse gênero em posição estratégica para pensar a urgência expressiva dos anos 1970 e seus desdobramentos, enquanto “Impasses da representação” examina o momento em que a própria literatura se vê constrangida a refletir sobre seus limites éticos e formais. Esse conjunto talvez seja um dos pontos mais fortes do livro, porque nele se evidencia que a literatura brasileira contemporânea não apenas acompanha a história do país, mas produz formas de inteligibilidade para seus conflitos.

O terceiro conjunto, Percursos íntimos, composto por “Memória e esquecimento”, “Diante da dor dos outros”, “Como numa manhã de domingo” e “O ponto de onde se vê o mundo”, desloca a atenção para territórios da subjetividade sem jamais isolá-los das determinações históricas e sociais. A memória, o sofrimento, a alegria e a perspectiva a partir da qual o mundo é visto surgem como núcleos de uma experiência íntima que é também socialmente construída. Esse é um dos movimentos mais refinados da argumentação de Dalcastagnè. Longe de opor política e intimidade, ela mostra que o “eu” na literatura contemporânea se constitui sob a pressão do mundo, de suas perdas, violências, apagamentos e expectativas. Particularmente fecunda é a leitura da dor como ponto de inflexão de muitas narrativas recentes, não em chave sentimental, mas como dispositivo de retomada da subjetividade em meio à precarização da experiência. Ao lado dela, a atenção concedida à alegria, sempre instável e passageira, impede que o panorama crítico se organize apenas sob o signo do trauma. Há, nesse bloco, uma percepção aguda da multiplicidade afetiva que atravessa a narrativa contemporânea.

Por fim, Percursos cotidianos, com “O álbum de retratos”, “O mundo do trabalho” e

“As cercanias do humano”, talvez seja a parte em que o livro mais explicitamente recolhe as formas miúdas e persistentes da vida ordinária. Família, trabalho, relações com animais, plantas, rios e objetos compõem uma cartografia do comum que, longe de qualquer banalidade, se revela saturada de violência, opressão, pertencimento e estranhamento. Ao discutir as representações da família, Dalcastagnè prefere falar em famílias, reconhecendo a multiplicidade dos arranjos e das tensões que estruturam esse espaço. O trabalho aparece como um dos pontos em que a limitação da perspectiva social dominante na literatura brasileira se deixa ver com mais nitidez, sobretudo pela invisibilização ou simplificação das figuras dos trabalhadores menos qualificados. Já em “As cercanias do humano”, o escopo se amplia para interrogar a maneira como a narrativa contemporânea pensa as fronteiras entre humano e não humano, deslocando o olhar para formas de coexistência que desafiam o antropocentrismo. Trata-se de um fecho particularmente expressivo, porque mostra a capacidade do livro de incorporar discussões urgentes sem ceder à moda teórica ou ao jargão. Outro aspecto digno de nota é a consciência autorreflexiva que percorre o volume. Dalcastagnè não esconde o lugar de onde fala. Ao rememorar sua própria trajetória de pesquisa, ensino, crítica e intervenção pública no debate literário, ela inscreve o livro na duração de uma prática intelectual comprometida com a literatura brasileira contemporânea. Tal gesto não reduz o argumento à autobiografia, mas confere espessura ética à proposta. A historiadora da literatura aparece, assim, não como instância neutra e exterior, mas como sujeito situado, ciente de que toda seleção é atravessada por escolhas, limites e responsabilidades. Essa autorreflexividade, longe de enfraquecer o livro, reforça sua coerência crítica.

A força de *Uma história da literatura brasileira: a narrativa* reside justamente nessa combinação rara de amplitude, rigor e abertura, transitando entre obras cuja recepção já está sedimentada e outras que reclamam mais atenção da crítica. Dalcastagnè não pretende abarcar todo esse universo, e é dessa recusa de pretensão totalizante que nasce a legitimidade de seu trabalho. O livro oferece uma sistematização vigorosa de mais de cinco décadas de produção narrativa sem converter essa matéria heterogênea em panorama domesticado. Em vez de fixar um cânone, põe em circulação problemas. Em vez de encerrar a discussão, multiplica entradas possíveis para ela. Em vez de monumentalizar autores e obras, recoloca-os em suas redes de conflito, recepção e historicidade. Se alguma reserva pode ser formulada, ela talvez diga respeito não ao que o livro faz, mas ao que sua própria envergadura torna inevitável: certos núcleos temáticos e certas obras, ao serem convocados para sustentar um desenho amplo da narrativa contemporânea, necessariamente aparecem mais como pontos de uma constelação crítica do que como objetos de leitura detida. Mas esse limite é constitutivo do gênero

historiográfico adotado e, no caso, é amplamente compensado pela inteligência do recorte e pela capacidade de articular visão de conjunto e acuidade analítica.

Ao final, fica a impressão de que o livro de Regina Dalcastagnè realiza algo mais exigente do que uma simples atualização da historiografia literária brasileira. Ele restitui à história literária sua condição de prática crítica viva, capaz de interrogar não apenas as obras, mas também os critérios pelos quais se lhes atribui valor, centralidade e permanência. Ao fazê-lo, mostra que a narrativa brasileira contemporânea não pode ser lida fora da história do país, mas também que a história do país se deixa compreender de maneira singular através de sua literatura. Nesse duplo movimento, o livro se afirma como contribuição decisiva aos estudos literários brasileiros, não por oferecer a última palavra sobre seu objeto, mas por recolocar, com lucidez incomum, as perguntas que importam.

Nas páginas finais da obra, Dalcastagnè, explicita com ainda mais nitidez o alcance de seu projeto crítico. Se ao longo do livro a autora já recusava a ilusão de uma historiografia neutra, totalizante e encerrada em si mesma, na conclusão essa recusa se converte em princípio teórico, ético e político. O que se afirma ali não é apenas o balanço de um percurso, mas a defesa de uma forma de ler a literatura brasileira contemporânea que se sabe provisória, situada e, justamente por isso, intelectualmente mais honesta. A força do livro está menos na pretensão de dizer a última palavra sobre a narrativa recente do que na capacidade de abrir caminhos de interpretação e de recolocar, sob outra luz, os nexos entre forma literária, vida social, mercado editorial, experiência histórica e disputa por legitimidade. Dalcastagnè insiste que seu trabalho não deve ser lido como fechamento de uma cartografia, mas como vestígio de outros percursos possíveis, deixados à margem não por irrelevância, e sim porque toda história literária é também fabricação do presente. Essa observação, longe de enfraquecer o livro, o fortalece. Ao reconhecer que muitos livros ficaram de fora, que novas demandas exigirão revisões e que o já percorrido precisará ser relido, a autora desloca a historiografia do terreno da *monumentalização* para o da *crítica em movimento*. Nesse ponto, *Uma história da literatura brasileira* oferece uma lição rara num campo ainda frequentemente seduzido por gestos de consagração. Sua ambição não é fixar uma imagem definitiva da narrativa brasileira, mas acompanhar seus deslocamentos, suas permanências, suas fraturas e seus impasses.

Essa abertura metodológica, contudo, não significa indefinição. Ao contrário, o livro sustenta, com firmeza, algumas hipóteses decisivas sobre a produção contemporânea. Uma delas diz respeito à transformação das formas narrativas nas últimas décadas. Nas páginas finais, Dalcastagnè observa o abandono progressivo da experimentação radical que marcou parte importante dos anos 1970. A literatura recente, sem abdicar de

complexidade, tenderia com mais frequência a formas de comunicação mais diretas, menos afeitas ao ruído, ao fragmento opaco, ao hermetismo, ao sarcasmo ou ao deboche. Não se trata de uma simplificação banal, mas do reconhecimento de que as condições de circulação, leitura e recepção se alteraram profundamente. A autora sugere que a necessidade crescente de dizer tudo, de reduzir a margem de mal-entendido, pode gerar obras mais planas, mais sisudas, por vezes quase didáticas. Há aqui uma observação crítica particularmente aguda, porque ela apreende uma inflexão decisiva do presente sem convertê-la imediatamente em juízo moral. O problema não é que a literatura se torne mais legível, mas que, ao fazê-lo, corra o risco de perder zonas de ambiguidade que lhe são constitutivas. Essa discussão ganha ainda maior complexidade quando Dalcastagnè relaciona tais transformações ao ambiente contemporâneo de circulação do livro. O diagnóstico do campo literário brasileiro, nas páginas finais, é um dos pontos mais fortes da obra. A autora chama atenção para o peso das feiras, festivais, celebridades, redes sociais e digitais, algoritmos e metadados na conformação das expectativas de leitura e, por consequência, da própria escrita. A literatura passa a ser cercada por demandas cada vez mais visíveis e mensuráveis, numa conjuntura em que o comportamento do leitor é monitorado e convertido em dado estratégico pelo mercado editorial. O livro, então, deixa de ser apenas objeto de criação e leitura para integrar uma engrenagem de exposição, circulação e ajuste de demanda.

É nesse contexto que a autora formula uma observação especialmente inquietante sobre a chamada inteligência artificial generativa. O risco, sugere ela, é que uma parcela da literatura orientada comercialmente se torne tão perfeitamente ajustada ao que cada leitor procura que perca sua capacidade de surpreender, de tensionar, de provocar reflexão. O diagnóstico é preciso porque não se reduz a um tecnofobismo apressado. O problema não está apenas na ferramenta, mas no horizonte de previsibilidade que ela pode aprofundar. Se a obra passa a ser calculada para corresponder ao desejo já identificado, a literatura corre o risco de se tornar espelho complacente do consumo, e não espaço de estranhamento. Nesse ponto, a reflexão de Dalcastagnè toca uma nervura central do presente: a disputa entre a lógica da adequação e a experiência literária como abertura ao imprevisto. O deslocamento é significativo. Em vez da grande mediação reflexiva sobre a representação, surgem formas de narração mais aderidas à fratura íntima, à fala parcial, à memória estilhaçada. Dalcastagnè não reduz essa mudança a perda ou empobrecimento. Ela a lê como sintoma de outra relação com a história, menos totalizante, mais atravessada pela precariedade do testemunho e da herança afetiva.

Também merece destaque a discussão sobre o humor, a ironia e os limites do

chamado politicamente correto. Dalcastagnè observa que o humor parece ter perdido espaço naquilo que se convencionou chamar de literatura séria, sendo frequentemente substituído pela ironia. A hipótese é sugestiva porque vincula essa retração à atmosfera de um tempo em que toda dor, sobretudo a dor histórica, tende a ser tratada com reverência, e em que o humor pode facilmente ser percebido como deboche diante do sofrimento alheio. Ao mesmo tempo, a autora não ignora o outro lado do problema. A tentativa legítima de conter a proliferação de preconceitos sob o disfarce da piada pode, em certas circunstâncias, constranger a literatura a permanecer dentro das linhas do aceitável. A resposta de Dalcastagnè é das mais lúcidas. A literatura não pode ser confundida com o documental nem com agenda sociológica. Ela trabalha com o subentendido, com o insinuado, com o ambíguo, com a distância entre intenção, produção e recepção. Exige do leitor participação ativa, leitura das entrelinhas, atenção ao silêncio, ao contexto, aos indícios. Não há, portanto, defesa ingênua da provocação gratuita, mas a afirmação de uma especificidade da linguagem literária que não se deixa submeter sem resto a protocolos de transparência. Esse ponto talvez seja um dos mais relevantes de todo o livro, porque reafirma a literatura como campo de complexidade num momento em que o debate público frequentemente exige posicionamentos inequívocos, linguagem literal e alinhamento imediato entre enunciação e intenção. Dalcastagnè lembra que o narrador já é uma personagem, e que a obra literária não pode ser lida a partir de uma identificação mecânica entre autor, voz narrativa e enunciado. A lembrança parece elementar, mas é hoje particularmente necessária. Sua ressonância ultrapassa o comentário pontual e toca uma questão central dos estudos literários contemporâneos: como preservar a espessura da mediação estética num ambiente cultural cada vez mais inclinado à leitura literalizante.

Lida em conjunto, *Uma história da literatura brasileira: a narrativa* reforça aquilo que o volume inteiro já demonstrava. A literatura brasileira contemporânea é apresentada por Dalcastagnè como um campo heterogêneo, instável, socialmente atravessado e formalmente móvel. Seus capítulos não compõem um inventário exaustivo, mas um modo de organizar problemas fundamentais da narrativa produzida nas últimas décadas. A arquitetura do livro, portanto, não serve apenas à exposição de temas. Ela manifesta uma concepção de história literária que recusa a cronologia estanque e prefere acompanhar núcleos problemáticos que atravessam décadas distintas. O mérito maior de Dalcastagnè está em dar a essa proposta uma forma crítica consistente, capaz de reunir corpus vastíssimo sem reduzir a diversidade a esquema pobre. Há, em seu gesto, uma combinação rara de amplitude e atenção ao singular, de sistema e abertura, de leitura política e sensibilidade formal.

Se uma reserva pode ser feita, ela talvez recaia justamente sobre o preço inevitável dessa amplitude. Em certos momentos, o impulso de abarcar largas zonas da produção narrativa faz com que algumas obras apareçam mais como exemplificação de tendências do que como singularidades plenamente exploradas. Mas tal limite é inseparável do próprio gênero historiográfico assumido pelo livro e, nesse caso, se converte menos em falha do que em convite a leituras futuras. O volume não encerra problemas. Ao contrário, distribui-os generosamente ao leitor e à crítica. No fim, o que se impõe é a percepção de que Uma história da literatura brasileira: a narrativa não vale apenas como síntese de décadas de pesquisa, ensino e intervenção crítica. Vale também como tomada de posição sobre o que pode ser a história literária hoje. Não um repertório fixado, não um tribunal do gosto, não um mecanismo de exclusão silenciosa, mas uma prática autorreflexiva, consciente de seus recortes, atenta às disputas do presente e disposta a pensar a literatura como forma de conhecimento do país e de suas contradições. Ao concluir afirmando que a literatura deve continuar sendo espaço de resistência e liberdade, abrigo para nossas indagações e perplexidades diante do mundo, Dalcastagnè não adota uma retórica edificante. Apenas restitui à crítica literária sua tarefa mais exigente, que é a de acompanhar, sem domesticar, a inquietação viva dos textos.

Uma história da literatura brasileira contemporânea: a narrativa

Regina Dalcastagnè 



DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma história da literatura brasileira contemporânea: a narrativa**. 1ªed. São Paulo: Todavia, 2026. 608p. ISBN: 978-65-5692-911-8.

<https://todavialivros.com.br/livros/uma-historia-da-literatura-brasileira-contemporanea>

SUBMETIDO: 21 de março de 2026 | **ACEITO:** 8 de abril de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólío – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
